

ASPECTOS MESSIÂNICOS EM JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO

Silas Luiz de Souza
Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie
Mestre em Ciências da Religião
silasluizdesouza@gmail.com
Grupo de Pesquisa: Protestantismos e Pentecostalismos

INTRODUÇÃO

Os movimentos messiânicos estão presentes na história do Brasil de um modo bastante intenso. Houve um tempo em que a academia julgou-os como frutos da má formação da raça brasileira destacando os aspectos criminológicos dos participantes. Atualmente há um resgate do aspecto religioso desses movimentos. A religião sempre ocupou posição fundamental em toda a história humana e isto já não pode ser negado ou ocultado. A religiosidade popular buscou caminhos alternativos para se encontrar com Deus e encontrar uma vida mais digna, coisas que lhes eram negadas pela religião oficial e pela sociedade opressora e excludente.

No Simpósio que se propõe a estudar as migrações e imigrações das religiões, destaco a importância do primeiro pastor presbiteriano brasileiro, o ex-sacerdote católico romano, José Manoel da Conceição, no trânsito de famílias para a nascente igreja protestante brasileira. Alguns aspectos de seu trabalho e sua personalidade não eram estranhos ao ambiente brasileiro, pois eram semelhantes aos de líderes messiânicos do período. Tais características serviram ao primeiro pastor presbiteriano como importante ligação com a população rural à qual se dirigiu.

DEFINIÇÃO DE MESSIANISMO E MOVIMENTO MESSIÂNICO

Deve ser feita uma distinção entre messianismo e movimento messiânico. Messianismo refere-se ao conjunto de crenças encontradas em muitas culturas distintas no tempo e no espaço. Segundo Timóteo Carriker, estas crenças se caracterizam por uma preocupação com o fim dos tempos, catastrófico ou utópico, mas que gera um Mundo Novo. É um pensamento metafórico, numerológico e escatológico sem abandonar questões do mundo presente. Combina concepções históricas e míticas do tempo, é otimista e orientado para o sobrenatural.¹

Pereira de Queiroz encontra a concepção popular de messias a partir do profetismo da Bíblia, que propõe um tempo novo de paz e prosperidade, lembrando que foi na luta do povo israelita contra os impérios vizinhos que se formou esse primeiro significado de messias. Depois, o conceito ingressou nos estudos históricos e sociológicos de modo mais amplo. A partir de Weber e Paul Alphandéry, Pereira de Queiroz diz que “o messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do Paraíso terrestre, tratando-se, pois de um líder religioso e social”.² A

¹ CARRIKER, *As Contribuições do Messianismo para uma Hermenêutica Missiológica*, Boletim Teológico - São Paulo, Fraternidade Teológica Latino Americana, dez/1992, Ano 6, nº 19, p. 25- a 26.

² PEREIRA DE QUEIROZ, *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, p.25 - 26 e 27.

autora afirma que “desde que a crença se ativa, dá então lugar ao movimento messiânico, que se destina a consertar aquilo que de errado existe. Estes objetivos, que são políticos, sociais, econômicos (conforme se localizam os erros neste ou naquele setor), devem sempre ser, no entanto, religiosamente alcançados, isto é, por meio de rituais especiais que um enviado divino revela aos homens”.³

Crenças messiânicas e movimentos messiânicos não são exclusividade brasileira. O livro de Pereira de Queiroz tem como título “O Messianismo no Brasil e no mundo”, onde faz um recenseamento dos movimentos messiânicos no decorrer da história nas várias regiões do globo, desde tribos do oeste norte americano até a Melanésia, além do ocidente medieval. Carriker apresenta uma bibliografia com 216 títulos em vários idiomas e estudos sobre messianismo e movimentos messiânicos em regiões espalhados por todo o mundo.⁴

MOVIMENTOS MESSIÂNICOS NO BRASIL

Os movimentos messiânicos chamados por Queiroz de “rústicos”, os mais conhecidos, documentados e estudados e que nos interessam aqui, são os seguintes:

1. A Cidade do Paraíso Terrestre. Ocorreu entre 1817 e 1820, liderado por Silvestre José dos Santos, ex-soldado e peregrino, instalado no monte Rodeador, em Pernambuco. A fama de milagres levou muita gente ao lugar, onde viveram comunitariamente se distanciando da religião oficial. O governo, imaginando uma conspiração reprimiu e massacrou os membros.

2. O Reino Encantado ou Pedra Bonita. Inicialmente liderado por João Antônio dos Santos que proclamava, em 1836, na comarca de Flores, Pernambuco, a vinda de D. Sebastião trazendo riquezas aos fiéis. Depois foi substituído pelo cunhado que retoma a pregação indicando o lugar da porta do Reino Encantado por onde D. Sebastião surgiria. Enquanto aguardavam havia pregação diária, cerimônias religiosas, forte proselitismo que chegava até a usar de violência. Usavam bebidas cerimoniais com dança, rezas e grande excitação.

3. Canudos. Liderado por Antonio Vicente Mendes Maciel, o Antonio Conselheiro, é o mais conhecido no país, mesmo porque houve um Euclides da Cunha que relatou os acontecimentos na obra “Os Sertões”. Desde 1874 há notícias das andanças de Conselheiro pelo sertão. Com um regime sóbrio e mortificante, rezas e preocupação com o outro mundo, Conselheiro se fez um Peregrino Penitente, pregando e executando obras de misericórdia entre os mais necessitados. Era uma missão itinerante, carregada de emocionalismo, centrada na pregação da penitência e com forte alusão à dicotomia céu e inferno. Sob a acusação de ser um movimento monarquista o Estado o destruiu cabalmente em 1897. O arraial de Canudos foi fundado em 1893 em uma velha fazenda abandonada. O nome escolhido foi Belo Monte. Lugar

³ Idem, p. 29.

⁴ *Movimentos Religiosos Populares*, Primeira Consulta Missiológica, CEM, p. 1 a 15.

distante, de difícil acesso, bem protegido pelo rio e por serras ao redor e a caatinga que o separava de outras povoações. Diz Edmundo Moniz que “talvez neste tempo já tivesse lido a *Utopia* de Tomás More”,⁵ o que contribuiria para suas idéias igualitárias. O centro da vida era a religião. A construção da Igreja e as celebrações ocupavam grande parte do interesse e do tempo dos canudenses. Havia rezas diuturnamente e ofícios logo cedo e ao anoitecer. As prédicas de Antonio Conselheiro davam ênfase especial à necessidade da conversão, do abandono da riqueza e toda vaidade, da prática de jejuns e esmolas, essenciais para se alcançar a salvação.

4. “Mucker” (palavra que significa santarrão). Ocorreu entre os colonos alemães nos anos 1872 a 1874, à margem do Rio dos Sinos, cerca de sessenta quilômetros de Porto Alegre. João Jorge Maurer se tornou curandeiro e sua esposa, Jacobina Mentz, pregava e aconselhava. Com celebrações repletas de cerimonialismo e êxtase por parte de Jacobina, os fiéis se mostravam devotos sem questionar novos padrões impostos pela líder, pelos quais regulamentava a vida civil e religiosa dos adeptos. Quando Jacobina resolveu trocar de marido e determinar que casais se separassem para constituírem novos casais, a recusa de alguns gerou violência entre os membros do grupo ocorrendo violência e uma onda de pavor em toda a colônia. A força policial destruiu o grupo, Jacobina morreu e alguns sobreviventes foram aprisionados, julgados na capital e soltos em 1883. Por mais algum tempo ainda permaneceu a desconfiança de que descendentes e sobreviventes continuavam as práticas antigas, provocando crimes e assassinatos contra eles.

5. Cidade Santa. O Padre Cícero chegou a Juazeiro, Ceará, em 1872, quando o arraial era ainda bem pequeno com pouquíssimas casas e choupanas. Sua intensa atividade, pregando de sítio em sítio, organizando terços, novenas e procissões sem receber pagamento pelas cerimônias, vivendo vida simples e dedicada, conquistou o coração do sertanejo. A partir de 1889 surgiram histórias de milagres realizados por Padre Cícero. Pessoas e donativos não param de chegar a Juazeiro, que cresce até se tornar uma cidade grande no interior do Estado. O Padre se tornou potência política no Estado e foi eleito vice-presidente, fazendo de Juazeiro como uma capital política, com os fiéis do Padrinho decidindo disputas eleitorais. Em meio às atividades políticas continuou a abençoar os romeiros. Criou uma atmosfera religiosa na cidade com diversos grupos que se formavam para rezar ou estar ao pé do Padrinho. O Padre Cícero exigia comportamento moral, não admitia a prostituição, embora com o crescimento de Juazeiro, foi ficando difícil exercer o controle pessoalmente como ele fazia no início.

6. Guerra do Contestado. Ocorreu em uma região disputada pelos Estados do Paraná e Santa Catarina, por onde andou um certo Monge João Maria, andarilho rústico, curandeiro e pregador. Há notícias que poderia haver mais de um monge com a mesma designação. No início do século XX apareceu outro Monge, José Maria, se apresentando como sucessor de João Maria. Para uns, irmão, para outros, reencarnação ou o próprio João Maria que não teria morrido, mas

⁵ MONIZ, E. *Canudos: a luta pela terra*. 6. ed. p.43

descido do monte encantado. Um grupo foi instalado em Taquaruçu, perto de Curitiba. Ali, cerimônias religiosas constantes preparavam o povo para o retorno da monarquia. O número aumentou com as pessoas que ficaram sem terra devido à construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande de Sul e ao desmatamento promovido por madeireiras do mesmo grupo multinacional que construíra a estrada de ferro. Depois de uma guerra ferrenha, onde o exército brasileiro usou até a aviação militar, o movimento foi desbaratado em 1916. A vida nos redutos era centrada na religiosidade. Todos os dias se reunia nas horas do terço e para o “beija” das imagens. Após a morte do Monge, virgens recebiam visões e líderes anunciavam a palavra verdadeira de José Maria. Festas, procissões pomposas, casamentos constantes e oportunidades para entrelaçamentos fraternos entre os irmãos davam um ar de perene alegria aos redutos.

7. O Beato do Caldeirão e o Circo dos Santos. Ocorreu entre 1920 e 1940, liderado por José Lourenço, devoto do Padre Cícero, conhecido como caridoso e especialmente distinguido pelo Padrinho. O Padre Cícero enviou José Lourenço para a fazenda Caldeirão, que se tornou um centro de peregrinação após a morte do Padre, de quem José Lourenço era muito próximo. Surgiu uma comunidade igualitária, de vida regrada, austera, centrada nas celebrações religiosas, onde o trabalho era meio de salvação. Após a morte de Lourenço, José Senhorinho, impressionado com os ensinamentos do Caldeirão, e Quinzeiro, remanescente do grupo, reuniram adeptos para voltar ao Caldeirão. Senhorinho separou uma área chamada Circo, onde rezas, cantorias e prédicas preparavam a comunidade para a partida. As viagens de proselitismo se tornaram viagens de saques, até que o grupo foi desbaratado com grande mortandade.

8. O Povo do Velho Pedro. Em 1942, Pedro Batista da Silva, ex-soldado, que tinha visões, peregrinava por Alagoas, Sergipe e Pernambuco até deter-se em Santa Brígida, na Bahia, lugar pequeno e isolado. Houve romarias de tal modo que o pequeno lugar acabou crescendo e Pedro Batista se tornou um líder respeitado tendo inclusive grande influência nas decisões políticas de seus seguidores, apesar de antes ter sido acusado de curandeiro e charlatão.

9. Cidade Fraternidade Universal. Surgiu na Guanabara em 1946, como Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, liderada por Yokaanam, um ex-piloto de avião, que querendo propagar o ideal de união juntou aspectos do cristianismo, kardecismo, umbanda e candomblé num único corpo doutrinário. Em 1956 a Fraternidade mudou-se para o planalto goiano, região próxima de onde seria construída Brasília, para construir a cidade santa para viver enquanto se espera a implantação de um reino messiânico.⁶

10. Os Borboletas Azuis. Roldão, com experiências mediúnicas, fundou um centro espírita em 1961, que em 1970 passou a se chamar Casa de Caridade Jesus no Horto, especificando esposar a doutrina católica. Em 1978, a Casa anunciou um dilúvio para maio de 1980, informando que só ficariam na terra algumas igrejas, conventos, animais, árvores e o povo

⁶ NEGRÃO, Lísias N. & CONSORTE, Josildeth G. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo*. p.25 a 300.

que quer pertencer realmente a Jesus. Uma adolescente, a profetiza Luciene, ensinou o despojamento total, o que os levou a despojarem-se de roupas suntuosas e enfeites, e se vestirem com roupas azuis e um manto branco, daí o nome “Borboletas Azuis”.⁷ O grupo se preparou para o dilúvio que não ocorreu. Frustrados, muitos ocupantes da Casa Jesus no Horto abandonaram o local. Remanescentes ainda voltaram a se reunir para rezas, penitências e jejuns.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS

É comum encontrarmos nos livros atuais referências aos aspectos positivos, mormente no que diz respeito à luta do povo pobre e sofrido contra a situação política e econômica, sua força e desejo de mudanças. Por outro lado, encontramos textos com referências pejorativas. Por exemplo, a Enciclopédia BARSÁ usa expressões como “fanáticos” e “horda de jagunços” quando se refere a Canudos, “fanáticos” e “marginais” falando do Contestado e trata o monge José Maria como um “ex-soldado desertor”.⁸ A obra em três grandes volumes, História do Brasil, da Bloch Editores, em homenagem ao sesquicentenário da Independência do Brasil, refere-se a Antonio Conselheiro como “místico com ilusões messiânicas”, “mania de restaurar igrejas e cemitérios”, “suposto guia espiritual dos camponeses”. De Canudos e do Contestado diz que contavam com “foragidos da lei”, “jagunços”, “horda de jagunços”.⁹

É necessário resgatar os aspectos religiosos de tais movimentos, para não ficarmos presos a explicações reducionistas. É possível destacar algumas características gerais. A primeira é o sebastianismo. D. Sebastião, rei de Portugal, lutou contra os mouros na África e desapareceu em 1578 na Batalha de Alcácer Quebir, onde os portugueses foram derrotados. Fomentou-se a crença de que o rei, cristão fiel, haveria de voltar para resgatar o trono, cumprindo as profecias de Bandarra, alguns anos antes. No Brasil o sebastianismo teve raízes profundas. A crença era de um reino que seria implantado não apenas no sentido político, mas um reino que viria a ser o verdadeiro paraíso na terra, com farta distribuição das riquezas e bênçãos aos fiéis.

O forte senso comunitário é outra grande característica. Reunido em torno de um líder, o grupo se tornava uma confraria ou uma irmandade entre iguais, mesmo que, reconhecidamente, houvesse aqueles que ocupassem postos mais elevados na organização interna, dentro de uma hierarquia místico-messiânica. Estes, na realidade, só cumpriam uma função provisória, aguardando o desfecho e a chegada do reino. E essa é outra característica, a espera milenarista, o aguardar da nova era dourada implantada após os eventos profetizados.

No entanto, aguardar o reino futuro não significa ficar paralisado e apático neste mundo. A ação em busca de uma sociedade diferenciada, com leis próprias, normalmente rígidas, que, num certo sentido, antecipavam a presença do reino, foi outra marca. Para isso, havia um

⁷ Idem, p. 301 - 428.

⁸ BARSÁ. São Paulo, Encyclopaedia Britannica Editores Ltda, 1969.

⁹ BLOCH EDITORES, História do Brasil, p. 596 a 598 e 612 a 614.

isolamento da comunidade. Mesmo em locais como Juazeiro e Santa Brígida, os devotos se distinguiram dos habitantes comuns da cidade formando um grupo separado e característico.

Um profundo senso de espiritualidade fazia parte da experiência do grupo. Um sentimento de viver vidas dignas da fé estava bem presente. A vida toda girava em torno da religião e dessa espiritualidade, organizando e moralizando a comunidade. Uma intensa relação com o sagrado, fazia com que tivessem um sentimento de poder sobre o mal, inimigos visíveis e invisíveis e, por isso, a certeza de que a vitória viria se a obediência e a fidelidade não desaparecessem.

Nina Rodrigues e Euclides da Cunha procuraram uma interpretação científica para o acontecimento de Canudos e apresentavam explicações a partir da formação de uma raça mestiça, por isso inferior, determinado por um ambiente que propiciava a formação de religiosidade e de comportamento fora dos padrões normais. Outras interpretações antropológicas e sociológicas enfatizam a realidade econômica como determinante, tais como Rui Facó, Eric Hobsbawn, Maria Isaura Pereira de Queiróz. Algumas vezes essas interpretações são apresentadas em detrimento de uma explicação mais adequada ao aspecto religioso. Alguns autores têm buscado entender e explicitar melhor esta questão, abordando o fator religioso e sua importância para a eclosão desses movimentos. Autores como Duglas Teixeira Monteiro, Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira e Alexandre Otten, este que diz sobre seu livro:

precisava ocorrer uma mudança no pensar, instaurada pela derrocada de diversos mitos, para que se abrisse um caminho para interpretações que valorizassem o papel da religião na vida e, mais especificamente, nos movimentos reivindicatórios do povo. Este estudo quer aproveitar esta brecha, tentando uma compreensão da figura e da obra de Antonio Conselheiro a partir da sua espiritualidade.¹⁰

JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO

José Manoel da Conceição nasceu em março de 1822 na cidade de São Paulo e, a partir dos dois anos, foi criado e educado em Sorocaba pelo padrinho, o tio de sua mãe, Padre José Francisco de Mendonça. Desde bem cedo foi tido como estudante talentoso, chegando ao Seminário já bem adiantado em diversas disciplinas. Antes, porém, de ser ordenado teve contato com protestantes ingleses e alemães na região de Sorocaba, onde havia uma incipiente usina siderúrgica, Ipanema, dirigida por estrangeiros. Seu contato com a Bíblia foi anterior ainda ao curso teológico, quando bem jovem tornou-se leitor assíduo de tal forma que questionava eventualmente doutrinas da Igreja Católica.

Ao ser ordenado sacerdote, em 1845, foi trabalhar em Limeira, onde sua prática lhe rendeu o apelido “padre protestante”, já que não cobrava para realizar as cerimônias usualmente pagas pelos fies e, principalmente, seus sermões eram de teor teológico que o aproximavam do

¹⁰ OTTEN, A. “*Só Deus é Grande*”; *A Mensagem Religiosa de Antonio Conselheiro*, p. 90 a 91.

protestantismo. O Clero paulista, preocupado, tratou de remover o sacerdote de Limeira e não deixar que fincasse raízes em um lugar, sendo sempre removido depois de não muito tempo de trabalho em determinada paróquia. Assim, percorreu boa parte da Província e seu último trabalho foi na vila de Brotas. Devido aos problemas que gerou com sua atitude considerada “protestante”, Conceição deixou de trabalhar diretamente em uma paróquia e se tornou vigário de vara, com poucas funções sacerdotais e paroquiais. Mudou-se para uma chácara de sua propriedade, em Rio Claro, onde foi localizado pelo missionário presbiteriano Alexander Blackford que, em 1863, ouviu contar sobre o padre afastado, meio louco, leitor da Bíblia, um “padre protestante”, morando em chácara ali perto. Visitou-o imediatamente.

Cerca de um ano após esse encontro o sacerdote deixou a Igreja Católica, tornou-se presbiteriano e, pouco depois, foi ordenado Pastor, em dezembro de 1865. Passou a fazer constantes viagens aproveitando seu conhecimento do interior paulista onde havia servido como sacerdote romano. Em cada cidade ou vila procurava explicar as razões da mudança em sua vida, os erros da Igreja Católica e a doutrina bíblica correta do protestantismo. Em sua última paróquia, Brotas, surgiu a que seria, por décadas, maior igreja protestante no Brasil e que serviu para irradiar o presbiterianismo para outras regiões de São Paulo e Minas Gerais. Inicialmente, alguns dos primeiros estudantes de teologia do presbiterianismo brasileiro acompanharam Conceição, porém, após 1869, passou a realizar viagens solitárias. Em 1867, os missionários, antevendo problemas emocionais e extrema fadiga, fizeram com que o Pastor pioneiro viajasse para os Estados Unidos da América a fim de descansar e se tratar, o que pouco adiantou.

Essas viagens solitárias distanciavam o pastor brasileiro de seus colegas norteamericanos, que pouco podiam fazer por sua saúde frágil. Os missionários ficavam por longos períodos sem notícias de Conceição e, várias vezes, mandaram alguém à sua procura. O ex-padre mandava esparsas informações, comia pouco durante as viagens, dormia à beira da estrada, dava aos mais pobres o dinheiro que era enviado pela missão e, muitas vezes, até a própria roupa, ou a frugal comida, era doada para alguém encontrado em pior situação. O pastor andarilho, emagrecido, doente, maltrapilho e com pouco dinheiro, esteve detido em um posto policial até ter a identidade confirmada e liberto, mas não conseguiu ir longe, pois desmaiado foi socorrido numa enfermaria militar do Campinho, próximo do Rio de Janeiro, onde morreu em 24 de dezembro de 1873.

Conceição tinha divergências em relação aos missionários. Era mais intuitivo, pouco organizado, e pautava seu trabalho numa itinerância sem planejamento prévio. O francês Émile Leonard percebeu claramente que a diferença entre as duas partes era maior do que a questão estratégica, mas se tratava de questão teológica mais profunda. Enquanto os missionários viam tão somente idolatria e superstição na religiosidade brasileira, o ex-padre percebia pontos positivos nessa religiosidade. Leonard cita de um escrito do “padre protestante”:

Respeitem-se, portanto, os costumes e usos antigos do povo, que, em falta de mais profundos esclarecimentos são aptos para guiá-los e conte-los no bem. Ó meu Deus! Eu respeitarei a religião do ignorante – a fé daqueles que não tem tantas ocasiões de conhecer-vos, de venerar-vos de um modo mais digno. Jamais servirei à vaidade e presunção, de tal sorte que abale a fé piedosa dos outros com palavras e ações inconsideradas.¹¹

A RELIGIOSIDADE POPULAR

Estudiosos falam de uma matriz religiosa brasileira. Para José Bittencourt Filho trata-se da “presença efetiva de um substrato religioso-cultural (...) uma complexa interação de conceitos e idéias religiosas que se amalgamaram num processo multissecular e, em decorrência, de onde nasce a mentalidade religiosa da média dos brasileiros”.¹² O catolicismo ibérico, a magia européia, as religiões indígenas, as religiões africanas, o espiritismo europeu e o catolicismo romanizado constituem essa matriz. Riolando Azzi, apresenta as seguintes características do que chamou de “catolicismo luso-brasileiro”: Primeiro, é muito mais polarizado na família do que na organização eclesiástica; os pais ensinavam as orações e práticas religiosas, nos oratórios particulares ou nas cruzes nos morros e estradas. Em segundo lugar, é um catolicismo comunitário, pois tinha forte expressão social, sendo uma das principais manifestações públicas da sociedade colonial. A terceira, é a importância do papel dos leigos, não apenas assistentes dos cultos, mas promotores da fé, decidindo sobre construir ermidas, capelas e igrejas, formando confrarias e dirigindo centros de devoção e romarias. A última característica é o espírito medieval com sua ênfase no aspecto devocional e o predomínio da concepção mítica, destacando os milagres e prodígios, as promessas e os votos.¹³

Leonardo Boff diz que entre as fontes que sustentam o povo estão a religião e a mística:

O povo brasileiro é religioso e místico (...) Para ele, se há uma evidência esta é: Deus existe, podemos chegar a Ele, em tudo existe sempre o outro lado (...) as forças celestes com as quais estamos permanentemente em contato. Elas são apenas invisíveis mas não ausentes. (...) Ao dizer-se, quase abusivamente que ‘Deus, afinal de contas, é brasileiro’, se quer afirmar a plusvalia de sentido acima dos absurdos sociais e existenciais. Deus não vai abandonar totalmente os seus. Eles podem ser desprezados socialmente, ser considerados zeros sociais e econômicos, não ser escutados por ninguém; mas com o seu Deus sabem que são ouvidos, podem se relacionar diretamente com Ele e com seus santos, podem como nas religiões afro-brasileiras, emprestar o seu corpo para serem ‘cavalos’ da divindade, para que elas baixem e marquem presença entre os humanos, auxiliando-os, dando-lhes conselhos, fortificando-os na luta pela vida. Essa religião confere dignidade ao ser humano reduzido a não pessoa e ao excluído da presente ordem. Faz com que ele sempre tenha uma perspectiva de esperança que é uma verdadeira virtude teológica, porque tem a Deus como objeto e referência.¹⁴

¹¹ RIBEIRO, IN: LEONARD, *O protestantismo brasileiro*, p. 65.

¹² BITTENCOURT FILHO, IN: *Tempo e Presença*, número 264, p.49.

¹³ AZZI, IN: *Tempo e Presença*, número 281, p. 29 a 31.

¹⁴ BOFF, IN: *Tempo e Presença*, número 275, p. 12 a 14.

Otten analisa o contexto religioso do movimento de Canudos e diz que houve uma desapropriação de Deus promovida pela religião institucional em relação ao povo, destacando quatro linhas: O catolicismo popular, rústico, herdou de Portugal medieval o culto dos santos, seres celestes presentes na terra, que fazem milagres numa relação de troca com o fiel devoto; estão presentes em todos os momentos e situações da vida, diferente do Deus longínquo do céu. O Deus distante é dominador, exige penitências constantes e é implacável, pois permite seca ou enchente, fazendo o povo sofrer; é patriarcal, pois, em seu nome, o senhor, exerce o poder. Em terceiro lugar, temos um Jesus Cristo ambíguo, ao mesmo tempo é Nosso Senhor, identificado com Deus Pai, e é também o Bom Jesus com imagens humanizadas como o Menino Deus da Festa de Natal e o sofredor da Semana Santa, com quem se tem certa familiaridade. Por fim, há o Deus irado dos missionários, freis e padres que tentavam melhorar a vida religiosa do povo; sua pregação era emocional e proclamava a necessidade da penitência para se livrar dos castigos, escapar do inferno e assegurar um bom caminho para o céu. No entanto, a religiosidade popular processa uma recuperação de Deus que Otten vê assim: Há uma ânsia pela salvação, fuga do mundo e muitos se dedicam a um rigorismo penitencial extremo e obras de misericórdia; nessa caminhada há uma identificação com o Bom Jesus e sua cruz, pois todo sofrimento em sua companhia leva ao céu. Em segundo lugar, o povo entendeu a gratuidade da salvação e a vida no mundo, pois apesar das dificuldades vividas e da luta pela salvação há otimismo; se o mundo é perigoso, Deus é misericordioso e é alcançada por meio dos santos, dos benzedores, das rezas, ritos e plantas. Por último, a espera messiânica de um povo pobre que sabe serem todos iguais e filhos de Deus, por isso não pode haver espaço para injustiça; um dia tudo vai mudar com a vitória de Messias e um mundo novo passará a existir.¹⁵

CARACTERÍSTICAS DE UM LÍDER MESSIÂNICO EM CONCEIÇÃO

Os líderes messiânicos eram sempre pregadores. Gastavam tempo proclamando uma nova era que corresponderia aos anseios da religião oficial. Eles não faziam oposição teológica à igreja instituída, mas entendiam sua mensagem como uma verdade vinda do próprio Deus ou de Jesus Cristo. Faziam usos de textos bíblicos, litúrgicos e religiosos em geral. Conceição, por onde passava realizava leituras bíblicas e as explanava, conforme registra Ribeiro:

Reunidas as pessoas em casa, foi lido pausada e reverentemente um capítulo dos Evangelhos que a irmã D. Joana soube mais tarde ser o terceiro de João, porque lhe ficaram na memória as palavras do versículo 16. Depois da leitura, ajoelhando-se com todos os presentes, elevou aos céus fervorosa e fervente súplica pela conversão daquela família e de todos os vizinhos do bairro.¹⁶

¹⁵ OTTEN, Alexandre. *“Só Deus é grande”: a mensagem religiosa de Antonio Conselheiro*, p. 95 a 137.

¹⁶ RIBEIRO, O Padre protestante, p. 148

Outra característica comum é a itinerância. Embora os movimentos tenham se estabelecido num local, o líder messiânico realizava suas prédicas e atividades andando de região em região. A história citada acima relata que “deixando profunda impressão no pequeno auditório, retirou-se imediatamente, demandando outras paragens”.¹⁷ Silva diz que seu método era “um método inovador”, já que, diferente dos missionários, entendia que o método “para alcançar a população brasileira e evangeliza-la consiste principalmente em sair de casa em casa, sítio em sítio, fazenda à fazenda. Era um evangelista itinerante. (...) Abordava os transeuntes e envolvia as pessoas na sua própria moradia”.¹⁸ Júlio Ribeiro, citando o Coronel Fausto de Souza, primeiro biógrafo de Conceição, diz que ele “não tinha plano fixo de viagem, deixando-se guiar por qualquer circunstância”.¹⁹ Como resume o primeiro estudioso acadêmico do protestantismo brasileiro, Émile Leonard: “Ele, entretanto, estava sempre a caminho”.²⁰

Essa itinerância de José Manoel da Conceição era acompanhada por outra característica que muito impressionou Leonard: sua pobreza. O historiador francês via em Conceição a humildade que “levava-o a viver essa ‘vida pobre’ que se aproxima de São Francisco de Assis, e da qual o protestantismo brasileiro guardou admirativa memória”.²¹ Ribeiro registra que “cada vez que regressava a um lugar viam-no mais magro, mais mal vestido (...) com qualquer coisa se satisfazia durante o dia inteiro: uns ovos, leite, um pouco de farinha de milho ou de mandioca”, concluindo acerca das vestes: “só tinha o que lhe cobria o corpo, e quando esse se achava muito estragado, os seus amigos lhe ministravam outro”.²² Leonard, devido a esses fatos o considerou um santo: “o protestantismo brasileiro teve, em Conceição – que abriu seus caminhos e nimbou seus primórdios de uma auréola mística – um santo”.²³

Uma característica dos líderes messiânicos foi a taumaturgia. “Outras vezes considerado taumaturgo”, escreveu Leonard sobre Conceição.²⁴ Ribeiro comenta que o pastor se retirava às escondidas para fugir do assédio e que há o registro de pelo um abaixo assinado pelo eu retorno a determinado lugar, pois “entre o povo começava a correr de boca em boca a narrativa de milagres feitos por ele; já adquiriu fama de santo e milagreiro”.²⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS DESSE TEXTO

Não se pode dissociar dos movimentos messiânicos a importância da religiosidade que os impulsionou. Atitudes cúlticas que não se parecem com os cultos formais, interpretações que não

¹⁷ RIBEIRO, *O padre protestante*, p. 148

¹⁸ SILVA, *José Manoel da Conceição: o evangelista itinerante*, p. 58

¹⁹ FERREIRA, *História da Igreja Presbiteriana*, p. 89

²⁰ LEONARD, *O protestantismo brasileiro*, p. 63

²¹ Idem, p. 66

²² Idem, P. 200-2002

²³ Idem, p. 67

²⁴ Idem, p. 66

²⁵ Idem, p. 204

combinam com a teologia oficial, prática social que fere a sociedade tradicional não pode impedir de reconhecer que o culto, a teologia, a sociedade e outros aspectos desses movimentos estavam plenamente dentro dos padrões e das expectativas do povo que via na busca das coisas sagradas o jeito de encontrar e, assim, renovar o humano e o terrestre.

A liderança de pessoas consideradas santas e milagreiras, pregadores de uma nova sociedade e de um novo ser humano aglutinava o povo em busca das transformações que o sagrado poderia trazer ao mundo. José Manoel da Conceição tinha algumas características que o aproximava do povo, à semelhança de líderes messiânicos. Essas características abriram portas para o progresso do protestantismo brasileiro no interior do país.

BIBLIOGRAFIA

- AZZI, Riolando. *O Catolicismo Luso-Brasileiro*. Tempo e Presença, Rio de Janeiro, Koinonia, maio/junho de 1995, número 281, p. 29 a 31.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz Religiosa Brasileira - Notas Ecumênicas*. Tempo e Presença, Rio de Janeiro, Koinonia, julho/agosto de 1992, número 264, p. 49 a 51.
- BOFF, Leonardo. *O Que Salva o Povo é a Mística*. Tempo e Presença, Rio de Janeiro, Koinonia, maio/junho de 1994, número 275, p. 12 a 14.
- CARRIKER, C. Timóteo. *As Contribuições do Messianismo Para Uma Hermenêutica Missiológica: Algumas Pistas*. Boletim Teológica, Fraternidade Teológica Latino-Americana, dezembro de 1992, número 19, p. 19 a 41.
- . *Bibliografia Sobre o Messianismo*. Movimentos Religiosos Populares, Centro Evangélico de Missões, “s.n.t”.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: Campanha de Canudos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- DESROCHE, Henri. *Dicionário de messianismos e milenarismos*. Trad.: Odair Pedroso Mateus. São Bernardo do Campo, SP, UMESP, 2000.
- FERREIRA, Júlio Andrade. *Religião no Brasil*. Campinas, Luz Para o Caminho, 1992.
- . *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1959.
- HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA, vol. IV: de 1870 a 1930. (The Cambridge History of Latin America, vol 4) Org. Leslie Bethel; trad.: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo e Imprensa Oficial do Estado; Brasília, DF, Fundação Alexandre de Gusmão, 2001.
- LÉONARD, Emile-Guillaume. *O protestantismo brasileiro: estudos de eclesiologia e de história social*. 2a. ed. Rio de Janeiro e São Paulo, JUERP e ASTE, 1981.
- MACEDO, Carmen Cinira. *Imagem do Eterno: religiões do Brasil*. São Paulo, Moderna, 1989.
- MATOS, Alderi Souza de. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil*. São Paulo, Cultura Cristã, 2004.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira & CONSORTE, Josidelth Gomes. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo*. São Paulo, FFLCH-USP/CER, 1984.
- OTTEN, Alexandre H. *‘Só Deus é Grande’: A Mensagem Religiosa de Antonio Conselheiro*. São Paulo, Loyla, 1990.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. Prefácio: Roger Bastide. 2 ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1976.
- RIBEIRO, Boanerges. *O padre protestante*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1979.
- SILVA, Wilson Santana. *José Manoel da Conceição: o evangelista itinerante*. (Cadernos de Pós-Graduação), São Paulo, Editora Mackenzie, 2002.